

**PROGRAMA LATINO AMERICANO DE APOIO À SISTEMATIZAÇÃO DE
EXPERIÊNCIAS PARA A FORMAÇÃO VIRTUAL EM SISTEMATIZAÇÃO DE
EXPERIÊNCIAS**

**REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR
PROJETO ARTE NA CASA: OFICINAS CULTURAIS**

Este texto é parte da sistematização da experiência de formação de arte-educadores que atuam na Fundação Casa. Contou com o apoio da seguinte equipe: Fernanda Nascimento, Glauciana Souza e Bergman de Paula.

Leila Andrade

São Paulo – Julho/2014

INTRODUÇÃO

Este texto que apresento serve de base para a produção de um Caderno Formativo e é produto da sistematização da experiência de formação para Arte Educadores cujo título é **Reflexões sobre Educação popular – Projeto Arte na Casa: Oficinas Culturais**.

As Instituições envolvidas nessa experiência são: Ação Educativa e Fundação Casa.

A **Ação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação** é uma associação civil sem fins lucrativos fundada em 1994. Sua missão é promover direitos educativo, culturais e da juventude, tendo em vista a justiça social, a democracia participativa e o desenvolvimento sustentável. Para tanto, realiza atividades de formação e apoio a grupos de educadores, jovens e agentes culturais. Integra campanhas e outras ações coletivas que visam à realização desses direitos, no nível local, nacional e internacional. Desenvolve pesquisas, produz conhecimento, divulga informações e análises enfocando as políticas públicas na perspectiva dos direitos humanos e da igualdade étnicorracial e de gênero. Todas essas ações estão ancoradas na crença de que a produção de conhecimento e as relações de poder devem ser constantemente questionados uma vez que existem vários conhecimentos e vários lugares de produção desses conhecimentos e, ainda, sujeitos diversos que os constroem e que, em sua maioria são “ocultados, apagados e escondidos”, enfim, relegados em função do conhecimento hegemônico e universal. Compreender esses cenários exige informação e capacidade de reflexão. (Falkembach, 2014).

Com base nesses princípios, a Ação Educativa atua em três áreas específicas: Educação, Juventude e Cultura. Destaco aqui a área de Cultura que se constitui a partir da noção da cultura como direito e do exercício deste direito como ação política. Tem como objetivo fortalecer a produção e a difusão de expressões culturais de grupos originários e atuantes nas periferias urbanas, visando à afirmação de suas identidades, ampliação do acesso a circuitos de produção e consumo de bens culturais e reconhecimento do direito à cultura como dimensão essencial da cidadania. A partir do tripé experimentação, produção de conhecimento e incidência em políticas públicas, atua em diferentes frentes.

Uma delas é o Projeto Arte na Casa, que tem como objetivo promover uma intervenção no sistema de atendimento socioeducativo por meio de atividades de arte e cultura em 19 unidades da Instituição Fundação Casa de São Paulo, atuando junto a 1.200 adolescentes que cumprem medida socioeducativa em regime de internação.

A ação se dá por meio de oficinas de arte-educação para os jovens e um trabalho de formação e acompanhamento dos arte-educadores, além de

atividades de registro e sistematização do trabalho, permanentemente avaliado.

A Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (CASA), instituição vinculada à Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo, tem o dever de aplicar medidas socioeducativas de acordo com as diretrizes e normas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE).

A **Fundação CASA** presta assistência a jovens de 12 a 21 anos incompletos em todo o Estado de São Paulo. Eles estão inseridos nas medidas socioeducativas de privação de liberdade (internação) e semiliberdade. As medidas — determinadas pelo Poder Judiciário — são aplicadas de acordo com o ato infracional e a idade dos adolescentes.

Todo adolescente que cumpre medida socioeducativa de internação tem o direito a atividades de arte e cultura, garantido no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), portanto, além do ensino regular e profissionalizante todos os jovens na Fundação CASA participam de aulas e oficinas de Arte e Cultura nas áreas de teatro, música e cultura urbana. A ideia é promover atividades conectadas às várias manifestações culturais nacionais e internacionais, às quais muitos desses adolescentes jamais tiveram acesso.

Esta Fundação tem um convênio com a Ação Educativa e outras ONGs que juntas, atendem 64 centros, em aproximadamente 396 oficinas/turmas desenvolvidas por 130 arte educadores, que realizam cerca de 5.700 atendimentos por mês. Cada atendimento é realizado em dois encontros de uma hora e meia, resultando em 3 horas semanais por oficina.

Nos encontros com os arte educadores, os jovens têm contato com o conhecimento ligado ao universo da arte e cultura, trabalham com os conteúdos da arte-educação e não apenas aprendem, por exemplo, a técnica de dançar ou cantar. O objetivo é promover a capacitação e formação humana dos jovens, tendo a cultura e a arte como conteúdos pedagógicos, construindo conhecimento, trazendo significado à prática e contextualizando a manifestação cultural em questão.

As atividades oferecidas pelos arte educadores acontecem em diversas oficinas, tais como teatro, dança, rádio, circo, hip hop (graffiti, rap, street dance), literatura, fotografia, vídeo (oficina de imagem), fanzine (história em quadrinhos), capoeira, artes plásticas, escultura, desenho e pintura entre outras. Também são realizadas atividades extras, como palestras com artistas renomados, workshops e shows.

A experiência, ora sistematizada, foi a Formação oferecida pela Ação Educativa para Arte Educadores que trabalham na Fundação Casa, cujo título

é Reflexões sobre Educação Popular – Projeto Arte na Casa: Oficinas culturais.

A Ação Educativa realiza essa formação para os 25 profissionais (arte educadores) das áreas artísticas que atuam na Fundação Casa com o Projeto Arte na Casa. Essas formações coletivas tiveram início em outubro de 2013, e o término está previsto para julho de 2014. Esses encontros são fundamentais para a construção de uma proposta pedagógica e a discussão de temas pertinentes a todas as áreas como: Direitos Humanos, Estatuto da Criança e do Adolescente, Juventude, gênero, racismo, além de temas relacionados.

O interesse na sistematização dessa experiência de Formação de arte educadores, realizada pela Ação Educativa (Reflexões sobre Educação Popular), vem da crença de que os arte educadores que atuam na Fundação Casa ofertando oficinas artísticas aos jovens que cumprem medidas socioeducativas de internação realmente criam, por meio da arte, laços afetivos, no sentido de “afetar” o outro, numa relação dialética de construção. O contato pessoal, a experiência e o fazer artístico são meios eficazes para facilitar a dinâmica educativa e a significação de valores, atuando de maneira positiva no processo de construção da identidade desses adolescentes. Utilizamos aqui, o conceito de Identidade do sujeito sociológico, na perspectiva de Hall (2006) que considera a complexidade do mundo moderno e reconhece que o núcleo interior desse sujeito é constituído na relação com outras pessoas, cujo papel é de mediação da cultura. Nessa visão, o sujeito se constitui na interação com a sociedade, em um diálogo contínuo com os mundos interno e externo. O núcleo interior é constituído pelo social, ao mesmo tempo em que o constitui. Assim, o sujeito é, a um só tempo, individual e social; é parte e é todo.

Nesse sentido, busca-se resgatar o sentimento de pertencimento, ainda na perspectiva do sujeito sociológico, que se constitui a partir da sua interação com a sociedade, culminando em um processo de re-significação de si mesmo, fazendo com que o adolescente se pense e torne importante, um ser capaz de superar o drama da privação de liberdade o qual foi submetido, reelaborando essa interação com consciência crítica e autônoma. Dialogamos com Gramsci para quem o início da elaboração crítica é a consciência daquilo que somos realmente, isto é, um “conhece-te a ti mesmo” como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços recebidos sem benefício no inventário. Deve-se fazer inicialmente esse inventário” (Gramsci, 1995).

Participaram da experiência de formação, 25 arte educadores que atuam na Fundação Casa. No processo de sistematização dessa experiência, participaram coletivamente uma equipe de assessoras da Ação Educativa que coordenam essa formação.

Tínhamos dois objetivos propostos para levar a cabo a sistematização dessa experiência:

1. Compreender mais profundamente esta experiência de formação que realizamos a fim de melhorar nossa prática e subsidiar a metodologia da Ação Educativa;
2. Produzir orientações e material didático para arte educadores, referenciados aos temas e aos conteúdos desenvolvidos ao longo da formação.

Nosso eixo temático foi sintetizado pela seguinte questão: **Quais as principais orientações e princípios que estão sendo afirmados no processo educativo do Projeto Arte na Casa, e como eles estão subsidiando a ação dos arte educadores junto aos adolescentes que cumprem medidas sócio educativas na Fundação casa?**

A proposta metodológica foi essencialmente participativa e contou com os seguintes passos:

1. Registro das formações;
2. Gravação em áudio das formações;
3. Fotografias das atividades;
4. Entrevista com os arte educadores;
5. Reconstrução coletiva do processo;
6. Ordenamento e classificação das informações disponíveis;
7. Análise, síntese e interpretação crítica da experiência.

O produto a ser elaborado a partir dessa sistematização será um caderno formativo que possa subsidiar e referenciar a formação de arte educadores que atuam com adolescentes que cumprem medidas sócio educativas. Esse caderno decorre de uma experiência maior, mas que aqui se restringe a um módulo apenas (Módulo II – Relações Sociais de Gênero e Sexualidade). Essa escolha se deve ao fato de que o término da formação está prevista para o final de Julho, portanto ainda está em andamento. Portanto, este é um texto-base que sintetiza parte do material para a elaboração do caderno de formação que vai exigir mais tempo e informações.

O CAMINHO PERCORRIDO

Nessa formação, a metodologia utilizada é a do Círculo de Cultura, cujo princípio epistemológico é “ambiência pedagógica participativa”. Tal metodologia tem se mostrado uma produtiva forma de encontro-confronto de saberes, construção da própria visão sobre o mundo e reconhecimento-fortalecimento das próprias forças perante e em cooperação com o outro.

As formações foram planejadas para serem realizadas em quatro módulos. Cada módulo foi dividido em quatro etapas:

1. Estudo da realidade na qual os arte educadores estão inseridos e atuam;
2. Aprofundamento teórico no tema escolhido pelos arte educadores;
3. Levar o conhecimento à prática, ou seja, como os arte educadores poderão aplicar em seu trabalho com os adolescentes, o conhecimento construído a partir do aprofundamento teórico sobre o tema;
4. Avaliação do módulo.

Com esse exercício de aprendizagem, os arte educadores vão se revelando em primeiro plano, desde o início das atividades onde levantam os temas que desejam aprofundar (estudo da realidade).

Essa etapa é fundamental para conhecer o grupo. Estamos falando de artistas que, em sua maioria, têm pouca experiência em educação. Alguns estão trabalhando pela primeira vez com Educação Popular e, claro, trazem as marcas de seu lugar, sua origem e sua história. Como conhecer esse grupo e, ainda, como contribuir para ampliar o repertório que possuem para lidar com adolescentes que são considerados infratores da lei, sem estigmatizá-los?

A orientação das formadoras rege-se para o despertar da consciência dos arte educadores, para que eles possam simultaneamente perceber e compreender a realidade que os cerca, o mundo em que vivem. Os conteúdos dos círculos são levantados pelos próprios arte educadores e surgem de questões referentes à prática social para o exercício da cidadania, na perspectiva da participação política, buscando soluções para os problemas do mundo do trabalho e da vida. As principais características de um círculo de cultura seriam a busca da horizontalidade, o espaço de escuta, a possibilidade de narrar suas próprias experiências, a abertura epistemológica aos vários saberes, a valorização da experiência como saber e a democratização da relação educador-educando. (BATISTA & CAVALCANTE, 2007). Esta metodologia oferece aos arte educadores a possibilidade de questionar e romper com as características fundamentais da instituição em que atuam.

A Fundação Casa é entendida como uma Instituição total. Segundo Goffman (1961), tais instituições são locais onde o processo de “mortificação do eu” é levado às últimas consequências. Para isso, os adolescentes são submetidos à perdas frequentes, “perda do equipamento de identidade” que compreende à perda do nome, dos bens, do controle sobre seu corpo, da sua aparência, da privacidade etc. Esse conjunto de perdas é sempre mediado por ações verticalizadas, intimidatórias, fortemente hierarquizadas, disciplinadoras e violadoras de direitos

Os temas foram levantados pelos próprios arte educadores no primeiro momento da formação (que chamamos aqui de Estudo da Realidade) a partir das inquietações dos próprios arte educadores verificadas no cotidiano de suas atuações com os adolescentes. São estes:

Modulo 1. Concepções de Educação

Modulo 2. Relações Sociais de Gênero e Sexualidade

Modulo 3. Direitos Humanos

Modulo 4. Raça e Etnia

Como dissemos, neste trabalho analisaremos apenas o Modulo 2. Relações Sociais de Gênero e Sexualidade.

6

A FORMAÇÃO

Este item, corresponde à narrativa e reflexões sobre as Oficinas Culturais do projeto. Como foi informado, aborda o segundo Modulo da formação dos arte educadores, cujo tema foi “Relações sociais de gênero e sexualidade”. Insistimos em afirmar que a abordagem do tema se fez desde a perspectiva da educação popular, ou seja, de forma dialógica, contextualizada e levando em conta a ética do sujeito, ou seja, o cuidado para que a relação com o conhecimento lhe acrescente elementos para “ser mais”, conforme compreendia Paulo Freire.

MODULO 1: RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

1. ESTUDO DA REALIDADE:

Nessa etapa, os educadores levantaram as questões ligadas aos problemas que eles enfrentam na relação com os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas. As questões levantadas foram: Como lidar com a homoafetividade dos/as adolescentes privados de liberdade? Como lidar com a violência sexual velada existente na Fundação Casa? Como mediar conflitos relacionados à repressão da sexualidade? Como mediar conflitos relacionados às relações sociais de gênero?

2. APROFUNDAMENTO TEÓRICO:

Esta etapa da formação se deu em três momentos: Dois deles com a palestra da Camila Gibin que é Mestre pelo Programa de Pós graduação em Serviço Social – PUC/SP e o último momento com Taciana Gouveia que é Educadora Feminista e Mestre em Sociologia.

2.1. Palestra com Camila Gibin.

Os participantes se apresentaram e fizeram o reconhecimento do objeto de estudo. O conteúdo da palestra foi: Controle formal e informal no capitalismo; Patriarcado; Trabalho/Maternidade/Sexualidade; As alternativas de lutas das mulheres e homens contra o machismo.

O conteúdo apresentado foi: controle social no capitalismo e identidade de gênero/expressão de gênero/sexo biológico/orientação sexual. Abaixo o texto produzido pela palestrante e indicação de leitura. Abaixo o texto produzido pela Camila sobre seus objetivos e conteúdos trabalhados na formação:

TEMA: GÊNERO E CONTROLE SOCIAL

Camila Gibin

Ao ser convidada para a formação dos arte-educadores do projeto “Arte na Casa”, desafiei-me a não apenas provocar um debate simplista de apresentação de categorias/conceitos sobre o tema, mas essencialmente de mediar reflexões que localizasse a questão de Gênero inserida no movimento histórico, focando-se com perspectivas da atual conjuntura de intenso aumento e da reorganização dos aparatos de controle social/repressão do país, em vista dos megaeventos.

Por isso, a importância da articulação das questões de Gênero com o debate sobre o Controle Social se fez fundante, pois o controle dos corpos das mulheres e a divisão sexual do trabalho nada mais são do que expressões de controle da burguesia contra a classe trabalhadora, em específico, contra as mulheres negras trabalhadoras.

Quando afunilamos ainda mais o significado de controle social no contexto Latino-americano, exige-nos uma leitura que traga também o debate sobre o racismo contra negros e descendentes indígenas, sobre a homofobia e o adultocentrismo. Tais expressões compõem os braços de sustentação do Controle Social Informal, mas que são expressos na formalidade do Estado através dos agentes executores do Sistema Penal (policiais, juízes, agentes penitenciários e etc.). Então, quando ambos “Controles” atuam juntos, o peso do braço repressor do Estado é ainda mais intenso, sendo então as mulheres, negras, jovens duplamente penalizadas quando na situação de encarceramento: por serem mulheres e por terem, legalmente, cometido o suposto “crime/ ato infracional”.

Assim, provocamos a mediação dos encontros seguindo o seguinte caminho e desenvolvendo os seguintes eixos de trabalho:

DIA 1

- *Controle Social e Segurança Pública: O que é Segurança Pública? Para que serve?*
- *Controle Social Forma e Informal e suas relações: Articulação entre aparatos formais do Estado – Polícia, Sistema Judiciário, Prisões – e as expressões informais de controle social – machismo, racismo étnico-racial, homofobia, adultocentrismo.*
- *Seletividade Penal e a junção entre Controle Social Formal e Informal: O significado do aprisionamento de mulheres (cis e transgênero), jovens, negras.*

DIA 2

- *Controle dos corpos e Propriedade Privada: Qual a relação da propriedade privada com o controle dos corpos, em específico das mulheres?*
- *Torna-se mulher: Mulheres cisgênero e mulheres transgênero e os preconceitos*
- *Diálogos sobre questionamentos e impressões dos educadores com a realidade na Fundação Casa.*

Para contribuir nas reflexões, foi entregue o texto “Adolescentes no sistema socioeducativo” para leitura.¹

¹ Arruda, Jalusa Silva de. Adolescentes no sistema socioeducativo – provocações a partir de uma perspectiva feminista. In Encarceramento em Massa- símbolo do Estado penal. Revista PUC VIVA. São Paulo. 2010 (disponível em <http://apropuc.bksites.net/revistas/index>)

2.2. Palestra com Taciana Gouveia

O conteúdo abordado nessa palestra foi: Gênero, sexualidade e adolescência; sexualidade/fatores biológicos e fatores sociais; sexualidade, classe social, raça e religião; Sexualidade/corpo masculino e a centralidade do pênis na construção da sexualidade humana; Ato sexual/corpo sexual/corpo reprodutivo; infância e adolescência: sexualidade, sensações e experimentos.²

Os educadores foram provocados a pensar nas preocupações que tinham, quando eram adolescentes, sobre sexualidade. Logo no início do debate um dos arte educadores trouxe uma contribuição importante: *Fui pai aos 14 anos!!!* Essa afirmação nos traz duas constatações: A primeira diz respeito ao fato de que este arte educador, ainda adolescente, experimentava sua sexualidade e já se deparava com as consequências de suas escolhas. O que em contrapartida não ocorre com os adolescentes da Fundação Casa, com os quais esse mesmo educador trabalha, e que tem, no controle de seus corpos, a negação da experimentação da sexualidade.

O tema é de difícil abordagem, mas estimulados pela palestrante, os educadores vão se posicionando e colocando suas questões.

3. LEVAR O CONHECIMENTO À PRÁTICA:

Como levar à prática o que aprendemos no nosso cotidiano na Fundação Casa? Compreendendo a sexualidade como uma dimensão importante da vida, como colocar tal tema nos nossos planejamentos? Como projetar a Arte Educação enquanto instrumento de combate ao controle social, a violência de gênero e a repressão da sexualidade?

Para responder a essas questões foi entregue aos arte educadores uma ficha com o objetivo de estimular a reflexão sobre como aplicar os conhecimentos adquiridos no trabalho dos arte educadores na Fundação Casa:

1. Comente sobre a importância dos conteúdos abordados;
 - a) 1º encontro: Controle formal e informal no capitalismo: machismo e patriarcado (Camila Gibin)
 - b) 2º encontro: Identidade de gênero (Camila Gibin)
 - c) 3º encontro: Gênero, sexualidade e adolescência (Taciana Gouveia)
2. Como levar o que aprendemos ao no nosso cotidiano da Fundação Casa?
3. Compreendendo a sexualidade e as relações de gênero como dimensões importantes da vida, como colocar tal tema em nossos planejamentos?

² Não possuímos nenhum texto produzido pela palestrante, porém a indicação de leitura para esse tema foi Navarro, Regina Lins. *Cama na Varanda*. Ed. Best Seller. São Paulo. 2006

4. Sugestões, críticas e comentários gerais.

Abaixo as respostas dos educadores expõem suas inseguranças, mas também apresentam algumas propostas para se trabalhar com o tema da sexualidade:

- ✓ *Foi importante nos colocar no lugar de adolescentes novamente para pensar como lidávamos com nossas sexualidades;*
- ✓ *Aproveitar a maneira como a linguagem artística aborda o tema e levar para a atividade, sem sensacionalismo, preconceito e com naturalidade*
- ✓ *Como entender a sexualidade e gênero de acordo com as regras do crime?*
- ✓ *Foi importante pois abordou temas que temos uma visão mais prática e acabamos não refletindo de forma teórica.*
- ✓ *Acreditamos que para abordar esses temas é necessário estreitar a relação com os adolescentes?*
- ✓ *Acreditamos que durante as oficinas surgirão questões que poderão ser abordadas nas atividades como uma letra de música ou uma escultura.*
- ✓ *É difícil tratar desses temas sendo monitorado a todo tempo!*
- ✓ *Sugestão: trabalhar com temas mais libertários.*
- ✓ *Achamos que os adolescentes precisam dar abertura para falar desses assuntos.*
- ✓ *Os desenhos podem ser um caminho para tratar do tema da sexualidade.*
- ✓ *Na oficina de teatro sempre termino com uma avaliação e todos falam. Nós estamos aqui entre iguais por isso todos tem que falar.*
- ✓ *Acho positivo o que estamos fazendo, mas acho que é preciso mastigar mais essas informações.*
- ✓ *Uso a Música do Tim Maia – Vale Tudo “homem com homem, mulher com mulher”*
- ✓ *SUGESTÃO: Cada um prepara uma oficina e o grupo faz intervenções no trabalho!!*
- ✓ *Acho que ainda não tem segurança e repertório para abordar esses temas com os meninos.*

Novamente os arte educadores trazem as limitações dos agentes sócio-educativos:

- ✓ *Eles não têm formação para atuarem nessas funções.*
- ✓ *A gente incomoda o trabalho deles!*
- ✓ *As situações de tensão que acontecem na Casa interferem nas aulas. Um dos agentes se indispôs e todos os materiais sumiram.*
- ✓ *A pedagogia e a segurança não falam a mesma língua.*

A fala dos arte educadores sobre os agentes sócio-educativos nos remete à reflexão de Goffman (1961 – p. 100) para quem a “característica principal desse grupo é que tende a ser formado por empregados a longo prazo, e, portanto, transmissores de tradição. Além disso, é este grupo que precisa

apresentar, pessoalmente as exigências da instituição aos internos”. A “segurança” domina de tal forma as ações dentro da Fundação Casa que acaba inviabilizando as atividades de arte educação. Exemplo disso é o fato dos adolescentes não poderem levar para dentro de seus módulos, os textos da oficina de teatro para estudarem.

- ✓ *Para nós já é normal que os adolescentes nos chamem de senhor e senhora.*

Aqui trago mais uma vez Goffman, para quem, esses atos verbais fazem parte dos padrões de deferência obrigatória das instituições totais. Assim como manter o corpo em posições humilhantes, podem ser obrigados a das respostas verbais também humilhantes. (Goffman, 1961 – p. 30)

- ✓ *Nas unidades que abrigam meninas, a afetividade e a homoafetividade é demonstrada mais explicitamente, embora se recusem a demonstrar feminilidade pois acreditam que é um sinal de fraqueza.*
- ✓ *Nas unidades masculinas, isso é proibido e até punido, mas a partir de uma regra estabelecidas pelos próprios internos. A masturbação também é proibida e os adolescentes não têm nenhuma privacidade.*

As observações acima, trazidas pelos arte educadores sobre a sexualidade dos adolescentes na Fundação Casa durante as formações, deixam claro aquilo que Goffman chama de violações do território do eu:

“Qualquer que seja a forma ou a fonte dessas diferentes indignidades, o indivíduo precisa participar de atividades cujas consequências simbólicas são incompatíveis com sua concepção do eu. Um exemplo mais difuso desse tipo de mortificação ocorre quando é obrigado a executar uma rotina diária de vida que considera estranha a ele – aceitar um papel com o qual não se identifica. Nas prisões, a negação de oportunidades para relações heterossexuais pode provocar o medo de perda da masculinidade”.

4. AVALIAÇÃO DO MÓDULO

Sobre as palestrantes desse Módulo 2, os arte educadores construíram o quadro abaixo:

Quadro n. 1

METODOLOGIA DA PALESTRA	TEMPO/DURAÇÃO DA PALESTRA	DIDÁTICA DA PALESTRANTE	TEMA ABORDADO	SUGESTÕES
Camila: Didática, construtiva, participativa, processo inovador e transformador;	Camila: poderia ter sido maior;	Camila: interativa e participativa;	Camila: Foi além do tema;	Camila: outra formação para desenvolver mais o tema;
Taciana: Faltou interação com os participantes; Foi bastante pontual;		Taciana: Ampliou o repertório;	Taciana: Faltou apreensão da realidade da Fundação Casa;	Taciana: Buscar experiências pedagógicas sobre sexualidade; Retomar o tema em outro momento para avaliar o que apreendemos;

Algumas preocupações emergiram dessa atividade e percebemos que era preciso voltar ao nosso planejamento e rever alguns pontos. A avaliação de que uma das palestrantes não tinha conhecimento da realidade da Fundação Casa foi importante pois nos mostra que o conhecimento do contexto em que atuam deve sempre ser levado em consideração ao convidar um palestrante. Outra constatação relevante é a de que devemos retomar o tema em outro momento e com uma outra estratégia para sanar essa lacuna.

Ainda nesse encontro os educadores concordaram que esses temas são importantes, mas que ainda não se sentem seguros para abordar deliberadamente esse tema (Gênero e Sexualidade) com os adolescentes. Ainda não possuem um repertório que possa levá-los a introduzir esses assuntos em seu planejamento. Concordam que se o tema surgir espontaneamente, deve ser abordado mas pensam que se não estão seguros é melhor não falar nada. Essas falas sinalizam o quanto o tema ainda

permanece inquietante e o quanto sentem a necessidade de outras discussões.

Essas avaliações foram produzidas de forma coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste processo coletivo de sistematização tivemos que encarar diversos obstáculos, pessoais e profissionais.

Organizar um trabalho coletivo com pessoas e trajetórias tão diversas nos obriga à escuta e ao diálogo. Isso não é tarefa fácil para quem vive um cotidiano que nos obriga a impor opiniões e lutar por direitos.

Desde o início nosso objetivo de compreender mais profundamente o que estávamos fazendo nessas formações com arte educadores, nos impulsionava para uma sistematização dessa experiência.

Esse trabalho nos revelou!!!!

OBJETIVOS E EIXO DESTA SISTEMATIZAÇÃO

De maneira geral, esse processo pretendia:

1. Compreender mais profundamente esta experiência de formação que realizamos a fim de melhorar nossa prática e subsidiar a metodologia da Ação Educativa;
2. Produzir orientações e material didático para arte educadores, referenciados aos temas e aos conteúdos desenvolvidos ao longo da formação.

Como apontado, trabalharemos na sistematização dos próximos módulos, pois a experiência ainda está em andamento, com vistas à produção do Caderno Formativo que será utilizado como material didático para as próximas formações. Consideramos que ao concluirmos esta etapa, podemos afirmar que, de fato, a maneira com que realizamos a sistematização foi decisiva: recuperar as atividades, organizar e analisar o material recolhido foi fundamental para fortalecer a nossa capacidade de interpretação de nossas ações. Contamos com um aporte teórico e prático (avalizado por esta sistematização) fundamental para revermos algumas concepções e reinventarmos novos caminhos.

Quanto ao nosso eixo temático conseguimos persegui-lo, embora temos que admitir que não foi tarefa fácil pois a quantidade de materiais e as questões que surgiram ao longo do processo, de alguma forma nos impelia para outros

caminhos. Sentíamos que outras perguntas eram necessárias. Para isso, o trabalho de tutoria foi fundamental porque nos alertava para manter o foco.

NOSSAS FRAGILIDADES

Desde o início da formação, os educadores foram convidados a escrever sobre os encontros. Dois cadernos eram distribuídos a dois participantes que ficam responsáveis pelo registro de cada encontro. Existem apenas três registros e são muito diferentes uns dos outros. Alguns valorizam o conteúdo que foi exposto pelos palestrantes e outros apenas descrevem as atividades que foram realizadas. O processo de sistematização explicitou a necessidade de construirmos juntos uma pauta de observação, orientando o olhar de quem irá fazer o registro do encontro.

Os educadores têm uma grande necessidade de contar suas histórias. O cotidiano da Fundação Casa traz angústias que devem ser repartidas com seus pares. Ameaças de rebeliões, perseguições e impedimentos dos mais variados tipos fazem com que o trabalho numa instituição violadora de direitos se torne ainda mais angustiante e duro. Nesses dias o planejamento das atividades não era cumprido pois passávamos a discutir as informações que os educadores traziam tentando encontrar coletivamente respostas para essas angústias.

Sentimos uma grande dificuldade em fazer com as discussões teóricas nas formações pudessem ser relacionadas ao fazer cotidiano dos arte educadores e, para além disso, mudar a própria vida... se repensar! A sistematização nos apontou que todos estão carregados de contradições e que a solução é trabalhar numa perspectiva emancipadora. Discutir não o tema em si, mas sim como a problematização do tema pode ampliar o repertório do arte educador e do adolescente.

PERGUNTAS AINDA EM BUSCA DE RESPOSTAS

Ainda existem questões, tanto teóricas quanto metodológicas que devem ser retomadas em outro momento. Como por exemplo:

Sentimos falta da voz de alguns arte educadores pois estamos construindo um processo juntos. Os mais articulados se posicionam e se expõem mais. É importante se colocar! Colocar inclusive o que a gente não sabe. O que não sabemos também é importante! Nosso desafio é: Qual a estratégia para dar voz aos mais tímidos, com menos repertório?

Outra questão que o processo nos revelou foi como abordar alguns temas de forma a serem trabalhados em um ambiente tão repressor como a Fundação

Casa? Ambiente, que segundo Goffman (1961 – p. 22) são “estufas para mudar pessoas”. Que tipo de mudança queremos com a nossa arte?

A análise crítica de nossas ações também nos apontou para um sonho inicial e que ainda permanece no âmbito do desejo: Até que ponto uma formação transforma as pessoas? Em nosso grupo, a reprodução de um comportamento machista depois de uma formação de gênero e sexualidade foi um choque de realidade. Duas descobertas fundamentais: devemos considerar sempre as relações de poder estabelecidas em nossa sociedade, e ainda, não perder de vista a ideia de que os sujeitos são constituídos nas relações com outras pessoas. Vale a pena continuar sonhando!!!

Na chave das lacunas a serem retomadas posteriormente, temos mais essa questão que exige ainda uma revisão teórica: Como lidar com o desafio da liberdade criativa (corpo e mente) em uma instituição controlada, monitorada, repressora e que exige o cumprimento das “regras da casa” que se resumem, explícita ou implicitamente, em um conjunto de proibições que determinam a conduta dos adolescente?

NOSSAS APRENDIZAGENS

Aprendemos que por se tratar de uma realidade tão específica, a Fundação Casa traz questões para os educadores que outro lugar não traria. Portanto as formações e falas dos palestrantes devem estar bem conectadas com essa realidade!!!!

O processo de sistematização dessa experiência de formação de arte educadores contribuiu para que tanto eles (arte educadores), quanto nós (formadoras) promovêssemos uma reflexão mais crítica dos processos pedagógicos que emergem de nossas práticas.

Descobrimos a importância da construção de um espaço comum de aprendizagem para compartilhar experiências respeitando a trajetória pessoal de cada um. E ainda, que a partir dessas trajetórias particulares algumas generalizações são possíveis.

RECOMENDAÇÕES

Esse processo produziu recomendações que evidenciamos abaixo e que devem ser seguidas na continuidade do trabalho:

- Planejar formações mais práticas e menos teórica, embora reconheçamos a importância dos conteúdos teóricos. Construir juntos o “como fazer” com pensamento de transformação e não só do fazer artístico. Uma proposta já encaminhada será os arte educadores construir juntos atividades que sejam emancipadoras e problematizadoras.
- Produzir atividades que façam conexão entre o que discutimos e o que trabalhamos na prática. Ex: Como incorporar esses conhecimentos sobre sexualidade e gênero numa aula de escultura, por exemplo?
- É preciso estudar, aumentar o repertório para conseguir abordar os temas sem preconceitos e conseguir romper com o senso comum. Não existe educação sem pesquisa. Organizar um material de qualificação dos temas a partir da sugestão de textos para serem lidos e debatidos.
- Discutir no módulo seguinte, sobre Direitos Humanos, o tema: “Culpado ou Inocente na visão dos educadores. Considerando o que eles pensam sobre a culpabilidade dos adolescentes.
- Construir uma pauta de observação que oriente os registros dos encontros pelos participantes e ainda prever no planejamento das atividades um tempo para esse registro e para o debate coletivo, produzindo assim conhecimento sobre nossas ações.

O CAMINHO ADIANTE

Os resultados dessa sistematização deveriam produzir um caderno formativo para arte educadores. Ainda não o temos, mas acreditamos que produzimos um texto-base que será retomado em cada módulo com orientações e atividades decorrentes dessa formação e sistematização.

Ainda nos falta analisar coletivamente as respostas da ficha de recuperação de aprendizagem (BONECO - abaixo), que foi aplicada no último encontro. Acreditamos que ela nos dará pistas sobre as concepções e transformações promovidas por esse processo.

Por fim, a certeza de que conseguimos transformar alguns momentos de tensões e dificuldades em possibilidades de mudança. Sabemos que ainda há muito que construir e que o trabalho continua, mas agora, com um verdadeiro exemplo das enormes possibilidades que a sistematização pode ter como exercício teórico-prático de interpretação e transformação da realidade.

Seguimos construindo!!!

REFERÊNCIAS

Ação Educativa – Assessoria, Pesquisa e Informação.
<http://www.acaoeducativa.org>. São Paulo –2014.

Batista, Clara & Cavalcante, Janaina. O círculo de cultura: questões pedagógicas, políticas, epistemológicas e didáticas. Revista de Educação AEC, Ano 36, nº 143, 2007).

Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em 09/07/2014.

Geopolítica do Conhecimento e descolonização do saber – Curso virtual de sistematização de experiências – PLAS/CEAAL. Tema II – Elza Maria Fonseca Falkemback.

Goffman, Erving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo. Editora Perspectiva S.A., 1974.

Gramsci, Antonio. Concepção dialética da História. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1995, p.11-12.

Hall, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade (11ª edição). São Paulo: DP&A, 2006.